

REFLEXÕES ACERCA DO CONCEITO DE “NARRATIVAS PÓS-COQUETEL” NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA¹

Leandro Noronha da Fonseca

*Mestrando do Curso de Letras da Universidade Federal do Mato Grosso
do Sul - UFMS, lfonseca954@gmail.com.*

Resumo

O trabalho objetiva analisar algumas das produções literárias brasileiras sobre HIV/aids, partindo do conceito de “narrativas pós-coquetel”, formulado por Sousa (2016). O conceito postula que há transformações na representação do HIV/aids nas produções artísticas - principalmente norte-americanas - entre o período de surgimento da epidemia (era pré-coquetel) e a elaboração do tratamento antirretroviral (era pós-coquetel). Em suma, falava-se muito mais do “morrer de aids” e, atualmente, é o “viver com HIV” que orienta essas produções. Por meio de levantamento bibliográfico, foi possível observar que as produções literárias nas décadas de 1980 e 1990 tendiam a tratar muito mais de morte e medo. Já nas obras atuais, nossos objetos de pesquisa - os livros *Você não fez nada errado*, de Felipe Cruz (2018), e *Bug Chaser*, de Romário Rodrigues Lourenço (2020) - apontam que as narrativas contemporâneas dialogam com os tempos atuais do HIV/aids. Todavia, existem alguns limites no conceito, pois, na obra de Cruz (2018), o adoecimento e a dificuldade na adesão ao tratamento (portanto, a possibilidade da morte) são pautas latentes. De modo geral, o conceito de “narrativas pós-coquetel” é útil para observarmos as transformações na tratativa do HIV/aids nas artes, mas possui alguns limites e que, por isso, necessita de outras pesquisas.

Palavras-chave: Narrativas pós-coquetel, HIV/aids, Literatura brasileira contemporânea, Literatura da aids.

1 O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Introdução

Para além de suas dimensões biomédicas, o HIV/aids marca presença nas expressões artísticas. A questão ganha espaço nas artes, tendo sido tematizada em diversas obras literárias, cinematográficas, teatrais, entre outras. O surgimento da epidemia de HIV/aids possibilitou o surgimento da “literatura da aids”, como aponta Bessa (2002, p. 9). Entretanto, a expressão não caracteriza um gênero literário específico. O autor explica que essa literatura ganhou espaço nas livrarias aos poucos, orientando-se pela temática do HIV/aids e apropriando-se dos gêneros ensaísticos, romanescos, dramáticos, líricos e de outros que, inclusive, escapam de rotulações.

A produção literária brasileira sobre a temática é muito menor em termos quantitativos, em comparação com as obras norte-americanas, e enfrentou “[...] o silêncio e o preconceito - de público, de crítica e até de grande parte da classe artística” (BESSA, 2002, p. 10). Ficcionais ou não, os textos sobre a temática tinham dois objetivos: produzir um trabalho estético em torno de uma temática cercada de tabus - o HIV/aids - e elaborar outras imagens acerca da epidemia.

Bessa (1997; 2002) aponta que, além dos contornos biomédicos, a questão do HIV/aids também se insere no que chama de “epidemia discursiva”, ou seja, a produção massiva de discursos sobre a doença por parte da ciência, da imprensa e da literatura. O campo artístico contribuiu, ainda que de forma distinta, para a elaboração de discursos sobre o HIV/aids - discursos, por vezes, distanciados do olhar hegemônico sobre a doença.

A literatura se utiliza da linguagem para trazer ópticas distintas sobre a doença, de certa forma reivindicando a possibilidade de um discurso distante do que fora propagado por cientistas e jornalistas, por exemplo. A literatura, assim, é capaz de gerar outros significados para o HIV/aids e para outros elementos sociais que o cercam, permitindo a existência de novos olhares para a realidade dada (BESSA, 1997, p. 133)

A epidemia de HIV/aids, principalmente após as suas duas primeiras décadas, passou por transformações, principalmente com o surgimento de medicamentos. Se a descoberta de uma sorologia positiva para o HIV era sinônimo de morte, o tratamento gratuito possibilitou que as pessoas soropositivas tivessem uma melhor qualidade

e expectativa de vida. O novo cenário do HIV/aids é chamado de era pós-coquetel ou pós-HAART (*Highly Active Anti-Retroviral Therapy*, em inglês) (BASTOS, 2006).

O atual cenário da era pós-coquetel também é composto pela possibilidade de intransmissibilidade do vírus, por meio de boa adesão ao tratamento que torna a carga viral indetectável. As estratégias preventivas também passaram por ampliações. Para além do uso do preservativo, o Brasil possui, atualmente, em suas políticas de prevenção, as profilaxias pré e pós-exposição (denominadas de PrEP e PEP, respectivamente), que podem auxiliar no enfrentamento da disseminação do vírus antes ou depois de relações sexuais sem uso de preservativo.

Todavia, tais transformações tiveram impacto, também, na produção artística. Alexandre Nunes de Sousa (2016) aponta que a tematização do HIV/aids passou por mudanças nas artes (principalmente no cinema e na literatura) em decorrência da formulação de medicamentos antirretrovirais mais sofisticados. As produções artísticas e culturais acompanharam essa mudança. Se antes o morrer em decorrência da aids era a tonalidade que habitava boa parte das produções nas décadas de 1980 e 1990, na contemporaneidade o viver com HIV é que se torna presente. Este outro discurso é o que Sousa (2016) chama de *narrativa pós-coquetel*, conceito fundamental para a presente pesquisa. De modo mais específico, o autor pontua também a existência de uma literatura pós-coquetel (SOUSA, 2016). Entretanto, é possível observar, em sites de busca e em repositórios de pesquisas acadêmicas, poucas produções científicas que se debruçam sobre tais questões na contemporaneidade.

Os estudos de Bessa (1997; 2002) são referenciais em pesquisas sobre literatura brasileira e HIV/aids. As contribuições do autor, em nossa pesquisa, centram-se na discussão das principais características das obras literárias produzidas nas primeiras décadas da epidemia. Para refletir sobre o conceito de “literatura pós-coquetel”, trazendo a questão para os dias atuais, iremos nos orientar pelas pesquisas de Sousa (2016), Melo e Penna (2017) e Fonseca (2019). Serão utilizados dois objetos de pesquisa: a autobiografia *Você nunca fez nada errado*, de Felipe Cruz (2018), e o romance *Bug Chaser*, de Romário Rodrigues Lourenço (2020). Assim, buscaremos responder às seguintes questões: quais as características entre a produção literária brasileira no início da epidemia de HIV/aids e a da atualidade? O que se transformou (ou

não) durante o desenvolvimento da epidemia? Quais as potencialidades e limites da expressão “literatura pós-coquetel”?

Metodologia

De caráter qualitativo, a presente pesquisa utiliza-se de levantamento bibliográfico para coletar pesquisas acerca dos aspectos socioculturais do HIV/aids e da literatura brasileira contemporânea. A análise das obras *Você nunca fez nada errado* e *Bug Chaser* será orientada pelo conceito de “narrativas pós-coquetel”.

O conceito, elaborado por Sousa (2016) e trazido nas pesquisas de Melo e Penna (2017) e Fonseca (2019), presume a inserção de novas narrativas em trabalhos que tematizam o HIV/aids, principalmente após o fornecimento de tratamento antirretroviral mais potente, possibilitando o prolongamento da vida das pessoas soropositivas.

De modo geral, Sousa (2016) aponta que as produções artísticas da era pós-coquetel possuem três características: 1) Descentralização do tema da epidemia: a epidemia de HIV/aids nas décadas de 1980 e 1990 deixa de ser tematizada, total ou parcialmente; 2) Narrativas de memória: quando tematizada, a epidemia de HIV/aids é referenciada a partir de vivências dos períodos mais latentes da epidemia, apontando para o sentido de “naqueles tempos vivíamos assim”; 3) Relatos/narrativas de “cronificação”: com o *status* de “doença crônica” após o surgimento da terapia antirretroviral, são retratadas nas obras questões relacionadas à condição soropositiva, como a presença dos medicamentos, os relacionamentos sorodiferentes, a experiência individual com o vírus, a revelação ou ocultação da sorologia, etc. Tais pontos foram sistematizados por Fonseca (2019, p. 23). Assim, a investigação acerca dos objetos de pesquisa será guiada a partir das questões apontadas.

Resultados e discussão

A partir de Bessa (1997; 2002), observamos que a temática do HIV/aids se faz presente de forma latente nas obras dos escritores Caio Fernando Abreu e Bernardo Carvalho, e na de outros nomes menos conhecidos pelo público e/ou a crítica. Ela ocupa espaço privilegiado na ficção, em contos e romances, mas também em obras de cunho autobiográfico.

Entretanto, a elaboração estética do tema do HIV/aids não se dá de maneira homogênea nessas obras. Nem sempre a aids é apresentada de forma explícita. Recursos como eclipse e metáfora são utilizados, a fim de trabalhar esteticamente o tema longe do carregado imaginário social que o cerca. Outra maneira de a questão ser abordada de forma subentendida é a descrição dos sintomas físicos da doença das personagens, sem a sua nomeação. São exemplos dessa abordagem Caio Fernando Abreu, Silviano Santiago e Bernardo Carvalho, entre outros escritores (BESSA 1997; 2002).

Em contraponto, autores como Herbert Daniel (no romance *Alegres e irresponsáveis abacaxis americanos*, de 1987), Mário Rudolf (no romance *De agosto a agosto com muito gosto*, de 1990) e Adelaide Carraro (no romance *Socorro! Estou morrendo de AIDS*, de 1987) exploram nominalmente a doença, escrevendo e reescrevendo as siglas “HIV” e “aids” (BESSA, 1997; 2002).

A partir das obras analisadas por Bessa (1997; 2002), podemos observar que o clima de pânico e medo acerca da nova doença se faz presente em obras publicadas nas primeiras décadas da epidemia. A novela *Pela noite*, de Abreu, publicada em 1983 no livro *Triângulo das águas*, “[...] tem o mérito de discutir muitos dos discursos paranoicos em que, no início, circulavam a epidemia e suas personagens, e que ainda lhes dão forma” (BESSA, 1997, p. 74, grifo do autor).

Outro exemplo de Abreu é o conto *Linda, uma história horrível*, publicado no livro *Os dragões não conhecem o paraíso*, de 1988. A obra tem o objeto amplo de “[...] discutir a solidão, a finitude da vida e a devastação provocada pelo tempo, não só através do protagonista que está com AIDS, mas também através da mãe dele e da cadela Linda” (BESSA, 1997, p. 102).

Assim, podemos observar que os fatores extraliterários relacionados à pauta do HIV/aids, principalmente a partir do surgimento da epidemia na década de 1980, reverberam nessas produções literárias, permeando a estruturação dessas obras. Em outras palavras, nota-se nesses trabalhos os ecos do medo, da desinformação, do pânico moral e do preconceito, questões que ainda cercam o HIV/aids, mas que possuíam maior latência nas primeiras décadas de sua origem.

De acordo com Sousa (2016), tais características podem ser localizadas em produções de outros gêneros artísticos, como, por

exemplo, no cinema². A elaboração de medicamentos antirretrovirais mais eficazes, a maior qualidade de vida das pessoas soropositivas na atualidade, as novas estratégias e ferramentas de prevenção, os avanços no campo da cidadania conquistados pelos movimentos sociais, e a formulação de políticas públicas, entre outros fatores, atuam no desenvolvimento de novos contornos acerca do HIV/aids, os quais também são desenvolvidos artisticamente na atualidade. Tal dinâmica é denominada pelo pesquisador de “narrativas pós-coquetel”. Em suma, “se antes o *morrer* de aids era o espírito que habitava boa parte das produções nas décadas de 1980 e 1990, na contemporaneidade o *viver* com HIV é que se torna presente” (FONSECA, 2019, p. 16, grifos do autor).

Tendo em vista tais transformações, partiremos da autobiografia *Você nunca fez nada errado*, do escritor paraense Felipe Cruz. Publicada em 2018 pela Monomito Editorial, a obra traz relatos da experiência do autor com o HIV, desde a descoberta da sorologia positiva até a revelação para familiares e amigos e o início do tratamento. O livro também reúne fotografias pessoais tiradas pelo autor após o seu diagnóstico, em 2012.

Em relação às características da “literatura pós-coquetel”, “as mudanças promovidas pelos fármacos transformaram também os modos de contar a epidemia no cinema e na literatura” (SOUSA, 2016, p. 6). Ainda segundo o autor, um dos sentidos que permeiam as produções contemporâneas a partir da vivência com o HIV no século XXI é a “cronificação” da doença, a presença do tratamento em narrativas fílmicas e literárias, principalmente norte-americanas.

Na obra de Cruz (2018), nota-se um relato de “cronificação” da doença, por meio de uma escrita que narra as experiências do autor com os medicamentos antirretrovirais. Todavia, seu tratamento é perpassado por algumas desistências que ocasionaram falhas na adesão. A questão do adoecimento em decorrência da aids ainda se faz presente na atualidade, tendo em vista que a autobiografia do escritor paraense revela os impactos dos avanços do adoecimento em seu corpo.

2 A pesquisa de Lara (2017) dedica certo espaço para a reflexão sobre as “narrativas pós-coquetel” em obras audiovisuais. O autor cita o filme *Boa sorte* (2014), as séries *How to get away with murder* (2014), *Looking* (2014) e a novela brasileira *Malhação* (2015) como exemplos de trabalhos que trabalham a temática do HIV/aids na atualidade.

Na época em que o meu livro foi publicado, meus pés, palmas das mãos e rosto estavam cobertos de manchas vermelhas e eu desconfiava que fosse sífilis, mas estava então passando pelo maior período de abandono do tratamento desde o seu início em 2012 - abandonei o tratamento três vezes, não por querer morrer, mas por cansaço, exaustão. Por um mês ou dois, conseguia esquecer o HIV, os antirretrovirais e as grandes reflexões sobre vida e morte, até ser lembrado por uma febre, uma ferida no calcanhar, ou pela frustração já familiar que sentia quando pensava em me envolver com alguém (CRUZ, 2018, p. 59).

Como é possível notar no trecho acima, há um conflito entre a vivência com o vírus e a aderência ao tratamento. A soropositividade relatada na obra aponta para uma complexidade dessa experiência, que vai muito além da simples ação medicamentosa. A rotina exaustiva do tratamento diário provoca no autor a desistência frequente, e os sintomas do adoecimento surgem para lembrá-lo de sua condição. Se Sousa (2016) observa a característica de “cronificação” nas obras norte-americanas, no Brasil, a autobiografia *Você não fez nada errado* aprofunda e problematiza o tratamento, caracterizando-o como processo individual e que não necessariamente segue as ordens biomédicas. Mesmo com as recomendações médicas, o tratamento não aderido pode ser resposta à própria não aceitação do vírus e aos preconceitos e estigmas que ainda cercam a questão: “não há, de modo algum, como prever a reação de uma pessoa, por mais próxima e amada que ela seja, quando tomar conhecimento daquilo que nos causa dor e medo - um medo que nos diminui” (CRUZ, 2018, p. 73).

A descrição dos sintomas do adoecimento é outro ponto trazido para reflexão. Como apontado por Bessa (1997; 2002), as obras literárias brasileiras que tematizaram o HIV/aids buscaram retratá-la de formas distintas, ora de maneira subentendida, ora explicitamente. A partir disso, refletimos que uma das estratégias de abordar implicitamente a questão é a descrição de sintomas do adoecimento. É um ponto bastante visível nas obras de Caio Fernando Abreu, como no conto *Linda, uma história horrível* (magreza, a queda de cabelo, as manchas púrpura sob a pele, indicando o sarcoma de Kaposi), e no romance *Onde andaré Dulce Veiga?* (febres, queda de cabelo e sinais no pescoço, nuca e virilhas).

Na obra de Cruz (2018), os sintomas também são evidenciados - manchas vermelhas nos pés, nas palmas das mãos e no rosto, a febre, a ferida no calcanhar -, mas não como estratégia para abordar a temática de maneira implícita. Pelo contrário: as siglas “HIV” e “aids” são trazidas nominalmente em diversos trechos do livro. Tal questão nos impulsiona, novamente, a tecer reflexões acerca do conceito de “narrativas pós-coquetel”. O adoecimento em decorrência da aids também é uma pauta trazida nas obras contemporâneas. Ainda que viver com HIV por meio de um tratamento regular dê a tonalidade das produções artísticas atuais, como defende Sousa (2016) e orientam-se Fonseca (2019) e Melo e Penna (2017), é preciso não perder de vista que a doença, e não apenas a vivência com o vírus, está presente em tempos em que o tratamento, pelo menos no Brasil, é ofertado gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

A obra *Bug Chaser*, escrita pelo paulista Romário Rodrigues de Lourenço, foi publicada originalmente em 2015 (na presente pesquisa, iremos utilizar a edição de 2020 da editora Chiado Books). O romance tem como protagonista um rapaz gay não identificado, que vive sua sexualidade fora dos âmbitos normativos, frequentando saunas e outros locais de “pegação” gay. O protagonista desenvolve como fetiche o desejo de ser infectado pelo HIV: “No começo, aliás, minha relação com o HIV era a mesma que a da maioria das pessoas. De medo. Mas o medo é um cristal muito fino que quando se quebra, não se conserta” (LOURENÇO, 2020, p. 20).

Repleto de referências do mundo pop, como as cantoras Madonna e Grace Jones, a série norte-americana *American Horror Story* e o programa televisivo *RuPaul’s Drag Race*, o romance é ambientado na cidade de São Paulo e acompanha as descobertas do protagonista em relação à sua homossexualidade, relatadas a um psiquiatra. O protagonista é, portanto, um *bug chaser* - expressão inglesa para designar pessoas que têm atração sexual pelo HIV -, exercendo deliberadamente práticas sexuais *bareback*, ou seja, sem o uso de preservativos.

No romance, há uma descentralização da epidemia de HIV/aids nas suas primeiras décadas, característica identificada por Sousa (2016) em outras produções artísticas. Durante uma conversa, o protagonista é questionado sobre a motivação de sua atração sexual pelo HIV. Em seguida, ele retoma memórias de sua escola durante uma aula de Ciências na sexta série. Uma professora expõe aos alunos uma

matéria publicada na revista *Veja* sobre o aumento de infecções na China.

Lembro-me de ter ouvido algo sobre *sarcoma de kaposi* e então um dos meninos no fundo da sala exclamou: “doença de bicha!”. A professora limitou-se a encará-lo e continuou com sua fala como se estivesse decorado um grande texto rápido demais e não pudesse perder o fio da meada. Talvez ela concordasse com ele (LOURENÇO, 2020, p. 121, grifos do autor).

A lembrança do protagonista se volta para os símbolos que mais foram trabalhados pela imprensa nas décadas de 1980 e 1990, como os sintomas físicos da síndrome. A relação feita entre aids e homossexualidade, por parte de um dos colegas de classe, é também uma das marcas dos períodos, onde o HIV/aids foi relacionado à comunidade homossexual, principalmente por meio da utilização da expressão “grupos de risco”, atualmente obsoleta.

Todavia, ainda que os cenários iniciais da epidemia tenham sido citados, e referenciados em outros momentos do livro, temos no romance uma visão bastante contemporânea sobre HIV/aids. Fala-se das ferramentas de prevenção como a Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) e Profilaxia Pós-Exposição (PEP) e da indetectabilidade e intransmissibilidade do vírus por meio de tratamento antirretroviral regular, por exemplo. Podemos exemplificar isso por meio de um trecho em que o protagonismo, de forma bastante panorâmica, reflete sobre o período pré e pós-coquetel.

A marginalização da população gay perante a sociedade se intensificou ainda mais. Aí vieram as drogas, os remédios... As pessoas pararam de morrer. Surgiu a camisinha. Um instrumento que eu não consigo enxergar como parte de uma campanha de prevenção. Ao menos não de uma campanha bem sucedida. Nós, que somos gays, especificamente, vivemos na ditadura da borracha. [...] Você pode administrar os seus riscos. Hoje existem as profilaxias. Existem práticas cujo risco de contágio é menor. Uma pessoa soropositiva e indetectável possui uma chance ínfima de transmissão do vírus numa relação sem camisinha. E isso não é abertamente debatido! (LOURENÇO, 2020, p. 48).

Com isso, é possível notar que a ideia de “narrativa pós-coquetel” está marcada no romance aqui analisado, seja pela apresentação de uma visão atual da condição soropositiva, a “cronificação” - o tratamento avançado, as profilaxias para além do uso do preservativo -, seja pela “descentralização da epidemia”, que traz uma visão distanciada do HIV/aids nas suas décadas iniciais.

Adiante, refletimos sobre o profundo didatismo presente no romance. A partir do trecho acima, é possível notar, na estruturação da obra, a preocupação do autor em explicar expressões e conceitos, e trazer informações atuais sobre prevenção. Em diversos capítulos, há a presença de notas de rodapé para explicar noções de “heteronormatividade”, “bareback”, “bug chaser” e “indetectável”. O autor não dá margem para ampliar as interpretações acerca do HIV/aids e suas questões adjacentes, dando ao leitor respostas rápidas sobre possíveis dúvidas que possam surgir, principalmente, de pessoas distanciadas das culturas e práticas homossexuais. Há, inclusive, uma introdução que contextualiza a epidemia, desde o seu surgimento até os dias atuais, os preconceitos disseminados pela imprensa e o desenvolvimento de políticas públicas de tratamento. Tal introdução parece ter sido realizada para orientar o leitor das inúmeras questões que cercam o vírus e a doença.

Em relação a isso, Bessa (1997; 2002) aponta que algumas produções literárias deram um tom didático na tematização do HIV/aids. É o caso de *Alegres e irresponsáveis abacaxis americanos*, de Herbert Daniel. O trabalho literário do escritor foi voltado para a discussão sobre os discursos de intolerância que cercavam a epidemia. Sua escrita engajava-se na crítica ao enfrentamento governamental frente à epidemia e à estigmatização e marginalização sofridas pelas pessoas atingidas pela aids. No romance, é evidente o engajamento pedagógico de Daniel em transmitir informações sobre a aids e educar o leitor para uma visão mais humanizada sobre as pessoas soropositivas (BESSA, 1997, p. 79-80). Outro exemplo é o livro *Passagem pra vida*, de Overland Airton, publicado em 1992. Há também um aspecto informativo e didático na tratativa da doença. Essa é uma característica de diversas obras do período, marcado pelo desconhecimento e a desinformação. Assim, “[...] já que, na falta de informações básicas, muitos deles, no Brasil ou no exterior, tiveram de assumir também o lado didático e muitas vezes panfletário” (BESSA, 2002, p. 169).

Como visto, o surgimento de uma doença até então nova, o medo e a desinformação impulsionaram que algumas das obras das décadas de 1980 e 1990 trouxessem informações técnicas sobre a questão, no intuito de “educar” o leitor para uma visão humanizada acerca do HIV/aids. É possível que a tonalidade pedagógica em tratar o vírus e a doença se faça presente na atualidade, tendo em vista que o HIV/aids é uma questão cercada de tabus e sua discussão ampla na sociedade não se dá de maneira efetiva. Se algumas das obras publicadas nas primeiras décadas da epidemia se engajaram para trazer informações técnicas, preventivas e de cidadania ao seu público, na atualidade, um processo similar pode ser observado a partir do romance de Lourenço (2020): os conhecimentos sobre PrEP, PEP e *Indetectável = Intransmissível*, que avançaram há pouco mais de 10 anos no país, ainda encontram-se em momento de disseminação, principalmente por meio de ações de órgãos públicos de saúde e de movimentos e organizações sociais. O romance *Bug Chaser*, portanto, trilha caminhos semelhantes ao das obras de 1980 e 1990, mas em consonância com seu tempo, repleto de avanços de ordem biomédica, mas que não estão totalmente disseminados na sociedade.

Considerações finais

A epidemia de HIV/aids, como visto, também impactou o setor artístico, que tematizou a pauta em obras cinematográficas, literárias, teatrais, entre outras. Na literatura brasileira, os escritores buscaram dar um tratamento estético à doença, elaborando outros discursos para além dos que foram disseminados por diversos setores da sociedade, como a imprensa, por exemplo.

Por vezes excluída da crítica especializada, a “literatura da aids”, seguindo a expressão de Bessa (2002), trouxe a temática de formas diferentes, seja por meio de uma abordagem mais subentendida, seja por meio da explicitação. O medo de uma doença até então nova e o pânico geral que circulou na sociedade tiveram impacto em algumas dessas obras, que trouxeram em suas narrativas uma visão da epidemia centrada na realidade histórica do período em que os avanços sociais e biomédicos não existiam, ou eram pouco efetivos.

A elaboração de medicamentos antirretrovirais mais sofisticados possibilitou maior qualidade de vida para as pessoas vivendo com HIV/aids. Em um cenário contemporâneo, em que o vírus pode ser

controlado e não disseminado por meio de tratamento regular, as obras literárias também ecoam essas mudanças. É o que orienta o conceito de “narrativa pós-coquetel”, formulado por Sousa (2016): a ideia de que a morte e o medo eram muito mais latentes nas primeiras produções literárias sobre HIV/aids, e que os avanços biomédicos trouxeram outras reflexões para essas obras atuais, tais como a experiência de viver com o HIV, tratado atualmente como uma “doença crônica”, a relação por vezes conflituosa com a adesão ao tratamento, o dilema de revelar ou não o *status* sorológico positivo, entre outras questões.

Com base das três principais características das “narrativas pós-coquetel” de Sousa (2016) - a descentralização do tema da epidemia, as narrativas de memória e os relatos de “cronificação” -, nos debruçamos sobre os livros *Você nunca fez nada errado*, de Felipe Cruz (2018), e *Bug Chaser*, de Romário Rodrigues Lourenço (2020). Em relação à primeira obra, propomos uma problematização do conceito de “narrativas pós-coquetel”, que pressupõe uma vivência soropositiva cronificada, medicalizada e sem, portanto, a presença de doenças oportunistas. Na autobiografia de Cruz (2018), os relatos do escritor de surgimento de doenças oportunistas e sua desistência frequente ao tratamento antirretroviral complexificam o conceito de Sousa (2016), nos apontando que viver com HIV não é tarefa fácil, ainda que, na atualidade, existam recursos biomédicos para a efetivação do tratamento. Portanto, o adoecimento é ainda presente na “literatura da aids” nacional.

Já o romance *Bug Chaser* está em profunda convergência com as características das “narrativas pós-coquetel”. A descentralização da epidemia em suas primeiras décadas e os relatos de “cronificação” estão presentes em toda a obra, que trazem, de forma quase pedagógica, informações atuais de prevenção e tratamento - característica, essa, presente também nas obras de 1980 e 1990. O engajamento de uma literatura informativa e politicamente correta foram maneiras de os escritores contraporem os discursos estigmatizantes e as desinformações que circulavam em torno do HIV/aids desde o seu surgimento. Problemáticas que ainda se fazem presentes.

O conceito de “narrativas pós-coquetel” contribui para que possamos refletir como a temática do HIV/aids se transformou nas produções artísticas em todas essas décadas, apontando para transformações que dialogam profundamente com a contemporaneidade. Todavia, o conceito necessita de análises mais profundas, e deve ser

utilizado com cautela a fim de apontamentos acerca das obras das eras pré e pós-coquetel. Ainda que as transformações existam, muitas questões presentes em contos, romances e autobiografias, a partir de 1980, ainda marcam presença em nossa literatura produzida após os anos 2000, como o impacto subjetivo do diagnóstico nos âmbitos individual e coletivo, e os fantasmas do preconceito que permanecem na sociedade.

Referências

BASTOS, Francisco Inácio. **Aids na Terceira Década**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

BESSA, Marcelo Secron. **Histórias positivas: a literatura (des)construindo a Aids**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

BESSA, Marcelo Secron. **Os perigosos: autobiografias & AIDS**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

CRUZ, Felipe. **Você nunca fez nada errado**. São Paulo: Monomito Editorial, 2018.

FONSECA, Leandro Noronha da. **HIV/Aids e narrativas pós-coquetel na poesia contemporânea brasileira**. 2019. 145 p. Monografia de Especialização (Mídia, Informação e Cultura) - CELACC/ECA/USP. Disponível em: <http://celacc.eca.usp.br/?q=pt-br/blogs/hivaidns-narrativas-pos-coquetel-poesia-contemporanea-brasileira>. Acesso em: 15 mar. 2021.

LARA, Matheuz Catrinck. **HIVídeos - A necroestética e outros horizontes**. 2017. Monografia (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/8291/1/MCatrinck.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2021.

LOURENÇO, Romário Rodrigues. **Bug Chaser**. São Paulo: Chiado Books, 2020.

MELO, Danilo Rodrigues; PENNA, João Camillo. **Literatura e HIV/Aids:** reflexões sobre a era pós-coquetel. Z Cultural - Revista do Programa Avançado de Cultura Contemporânea. Rio de Janeiro, 1º semestre de 2017, ano XII. Disponível em: http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/wp-content/uploads/2017/03/LITERATURA-E-HIV_AIDS_REFLEX%C3%95ES-SOBRE-A-ERA-P%C3%93S-COQUETEL-%E2%80%93-Revista-Z-Cultural.pdf. Acesso em: 15 mar. 2021.

SOUSA, Alexandre Nunes de. **Da epidemia discursiva à era pós-coquetel:** Notas sobre a memória da Aids no cinema e na literatura. II Seminário Internacional em Memória Social, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://seminariosmemoriasocial.pro.br/wp-content/uploads/2016/03/B019-ALEXANDRE-NUNES-DE-SOUSA-normalizado.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2021.